

QUANDO O AMOR VENCE O CRIME



MANOEL D'ALMEIDA FILHO

6
C.R.



QUANDO O AMOR VENCE O CRIME

Direitos adquiridos e registrados de acôrdo com a lei na
Biblioteca Nacional



RUA VISCONDE DE PARNAIBA, 3042/50

FONE: 93-3897 — SÃO PAULO-6

Inscrição C. G. C. N.º 60.856.994

MANOEL D'ALMEIDA FILHO

QUANDO O AMOR VENCE O CRIME



Este bonito romance
Despedaça um coração,
Onde o leitor lendo sente
O sabor da sensação,
Quando o crime cai vencido
No tribunal da paixão.

O herói deste espetáculo
É Luciano Amaral,
Um motorista mecânico,
De Maceió natural,
Que num "pau-de-arara" foi
A Capital Federal.

Hospedou-se num hotel
De um conhecido nortista,
Depois do almoço ele foi
Num jornal passando a vista
Lendo deu com um anúncio
Procurando um motorista.

Ele foi lá, no endereço,
Viu uma casa importante,
Bateu e saiu um moço
Muito rico e elegante,
Milionário dez vezes,
Com um gesto cativante.

Luciano apresentou-se
Com o endereço na mão,
Mostrou os seus documentos
Da sua habilitação,
O rapaz examinou-os
Com a devida atenção.

Depois chamou Luciano,
Com respeito e cortesia,
Foi e mostrou na garagem
O carro que possuía
Era moderno, porém
Luciano conhecia.

Abriu a chave do carro,
No "arranco" pôs o pé,
O motor funcionou,
O rapaz com muita fé
Movimentou a alavanca
Engrenou a marcha-ré.

Assim saía com o carro,
Fêz a manobra com jeito,
O dono da casa disse:
— O seu serviço é perfeito,
Se quiser ficar comigo
Com muito gosto o accito.

O rapaz muito contente
Aceitou maravilhado,
Com refeição e dormida,
Ficou certo o ordenado,
O patrão ficou alegre
E Luciano empregado.

Quero agora apresentra
Quem era o proprietário
Daquele moderno carro
E tudo o mais necessário,
Era o jovem Sílvio Carlos
Um multi-milionário.

Tinha vinte e cinco anões,
A riqueza herdou dos pais,
Não queria se casar,
Vivendo nos bacanaís,
Só pensava em dar vazão
Aos instintos bestiais.

O seu fracó eram donzelas,
Porém nunca por amor,
As seduzia e deixava
No limo do dissabor;
E depois dizia ser
O maior conquistador.

Tudo lhe saía fácil
Amparado no dinheiro,
Porém ninguém é feliz
Contra o poder verdadeiro,
Um dia o feitiço pega
Nas manhas do feiticeiro.

Dé frente ao seu palacete
Um professor foi morar,
Não era milionário
Mas tinha com que passar
Com a espôsa e uma filha.
As estrêlas do seu lar.

O professor se chamava
João Fernandes de Faria,
A sua filha era Ester
E a espôsa era Maria,
Viviam muito felizes
Com amor, paz e harmonia.

Ester era professôra,
Porém sendo de piano,
Muito bonita e sincera,
Era um anjo em corpo humano.
Sem saber foi contemplada
Pelos olhos do tirano.

Êle disse a Luciano:
— Tu vês aquêle "peixão"?
Desde que chegou ali
Não me prestou atenção,
Porém sei que muito breve
Ela cai na minha mão.

Só depois que ela cair,
 Eu mostrarei meus papéis,
 Cuspirei na sua honra
 E depois piso-a de pés,
 Para vê-la mendigando
 Nas portas dos cabarés.

Luciano olhou a moça
 E ficou indignado,
 Quis dizer alguma coisa
 Mas se conservou calado.
 Pensando consigo mesmo:
 — Ah! mundo desmantelado!

Ah! se aquela moça fôsse
 Da terra dos marechais,
 Pelo menos conhecida
 Da família de meus pais,
 Esse cabra sem-vergonha
 Nela não falava mais.

Porque nessa hora eu
 Lhe dava uma "peixeirada"
 Remexia umas três vêzes,
 Para ver a bagaçada
 Que nem um bonde tapava
 O buraco da fachada.

Porém eu entrego tudo
 À justiça da Natura,
 Talvez êle um dia acerte
 Com tudo quanto procura,
 Aprendendo a respeitar
 A santa flor da candura.

Mas o Sílvio só pensava
 Na sedução por vingança,
 Só para tirar de Ester
 O seu riso de criança,
 Porém ela não lhe dava
 Nem um olhar por lembrança.

Mas êle continuava
Com tôda a sua afoiteza,
Porém Ester não gostava
Dos caprichos da riqueza,
Amava a simplicidade
Dos rapazes da pobreza.

Até que olhando um dia
Luciano trabalhando
Na porta do seu patrão.
Ester ficou contemplando
Os modos daquele moço
Por demais admirando.

Entretanto, o rapaz não
Deu fé do que se passava,
Porém Ester sempre, sempre,
Todo dia observava
A vida de Luciano,
Por êle se apaixonava.

Até que Ester um dia,
Ao amor não resistindo,
Desceu para o seu portão,
Um grande fogo sentindo,
Quando Luciano olhou-a
A moça estava sorrindo.

Luciano indignou-se
Porque estava melado
De óleo até os cabelos
E vendo o carro "encharcado",
Por isso até o momento
Inda não tinha pegado...

Vendo o sorriso da moça,
Ficou consigo pensando:
— Aquela bandida está
Do seu portão criticando
Da minha humilde pessoa
Está se deliciando.

Como Ester continuasse
Sorrindo a satisfação,
Ele em ponto de explodir,
Com duas chaves na mão,
E todo melado de óleo,
Se dirigiu ao portão.

Chegou e disse: — a senhora
Por que está a sorrir,
Não achou de quem zombar
Nem com quem se distrair?
Vá procurar um macaco
Que pode lhe divertir!...

Ester olhou Luciano
E deu um grande suspiro,
Depois disse: meu amigo,
Você está errando o "tiro",
Se eu olho a sua pessoa
É só porque o admiro.

Eu mesma tenho tentado
Passar dias sem olhá-lo,
Porém existe um poder
Que não posso dominá-lo;
É o meu próprio coração
Que me força admirá-lo.

Luciano disse, irado:
— Santa Luzia me pegue,
Se isso não fôr mentira,
O trem na linha me pegue,
Vá com coração e tudo
Para o Diabo que a carregue!

Ester disse: — meu amigo,
Sei que você tem razão
Porque troca erradamente
Meu amor por mangação,
Mas não há força que tire
Você do meu coração.

Luciano ainda disse:
— Aborreço a brincadeira,
A senhora é muito cínica
Falando dessa maneira,
Guarde a sua mangação
Para o Satanás que a queira.

Dominado pela raiva
Disse aquilo e foi saindo,
Ester disse: muito breve,
Você ficará sentindo
O meu amor e verá
Que eu não lhe estou fingindo.

Ester ficou contemplando
Quando saiu Luciano
Depois foi para o salão
Com o seu coração humano,
Cantou uma linda valsa
Acompanhada ao piano.

Luciano ouvindo a valsa
Criava mais raiva dela,
Ester quando terminou
Sain em uma janela,
Mas um poder obrigou-o
Fitar os seus olhos nela.

Nisso o serviço do carro
Ele havia terminado,
Entrou e foi tomar banho,
Trocou de roupa apressado,
Porque o patrão no carro
Já lhe esperava sentado.

Daí por diante ficou
Sempre prestando atenção
E Ester todos os dias
Vinha até o seu portão,
Só para olhar Luciano
Na fiel ocupação.

Pois o olhar do rapaz
Era água em sua horta,
Porém quando aparecia
O tal Sílvio "vida-torta",
Ela corria com medo
E depois batia a porta.

Porém é que Luciano
Não acreditava nela,
Também não queria vê-la
E jamais falar com ela,
Mas não podia tirar
O seu pensamento dela.

Pensou deixar o emprêgo,
Porém achou não dar certo,
Porque a sua "inimiga"
Já era um contraste aberto,
Longe sentia saudade
E muita raiva de perto.

Outro dia, novamente,
Ele estava trabalhando,
Junto à porta do patrão,
Ao automóvel limpando,
Olhando avistou Ester
Do portão dela o chamando.

Ele foi com têda ira
E lá, disse a ela assim:
-- Pelo amor de Jesus Cristo,
Não critique mais de mim,
Porque se continuar
Eu faço uma "coisa ruim".

Veja bem a minha cara
Que sou filho do Nordeste,
Terra de homem valente,
Sem precisar fazer teste,
Mata gente e bebe o sangue
Até na "casa-da-pestes".

Ester disse: — eu acredito
Que você faz o que quer,
Pode brigar e matar,
Porém nunca fez Ester
Responda-me: “Como um homem
Assassina uma mulher?”

Especialmente quando
Ela vive a adorá-lo,
É só o crime que tem,
Com suas fôrças amá-lo,
Enfrentando o sacrifício,
Com o fim de aproveitá-lo.

Eu vejo que você tem
A alma de ódio cheia.
Responda-me: “Se tem raiva,
É por que me acha feia,
Fale com sinceridade,
Por que é que me odeia?”

— É porque vejo a senhora
Recusar o meu patrão
Que é rico, milionário,
Tem dinheiro em profusão
E dizer que ama a mim,
Só pode ser mangação!...

— É porque você não sabe
Ainda o que é o amor,
É uma fôrça invisível
Que domina o amador,
Não respeita nem separa
Posição, classe, nem côr.

— É verdade, o seu patrão,
Muitas vezes tenho visto
Ele olhando para mim,
Mas olhá-lo eu não resisto,
Porque nêle eu vejo Judas
Quando vendeu Jesus Cristo.

Essas palavras de Ester
Invadiram Luciano,
Ele acreditou na moça
E se tornou mais humano,
Porque nas palavras dela
Não podia haver engano.

Porém quando despediu-se,
O seu malvado patrão
Que lhe estava observando,
Com muita indignação,
Para acabar o namôro,
Pôs uma trama em ação.

Chamou o rapaz e disse:
— Estou muito aperreado
Por isso vendi o carro,
Tome aqui seu ordenado,
Vá procurar outro emprêgo,
Não quero mais empregado.

O môço ficou surpreso
Com tudo que tinha ouvido,
Sem entender porque foi
Bruscamente despedido,
Pegou a chave do carro
E pôs na mão do bandido.

Quando arrumou sua mala,
Despediu-se do malvado,
Voltou para o mesmo hotel
Que tinha sido hospedado,
Pensando o que havia feito
Para ser desempregado.

Ester viu quando o rapaz
Com a bagagem saiu,
Ela correu ao portão,
Ainda lhe deu um "psiu".
Luciano sem ouvi-la
Numa esquina se encobriu.

Ela ficou sem sossego
E pensava tôda hora:
— Sem lhe dizer nem o nome,
Por que tinha ido embora,
Numa cidade daquelas,
Aonde encontrá-lo agora?

No outro dia ela saiu
Com o fim de procurá-lo,
Procurou-o várias horas,
Sem conseguir avistá-lo,
Voltou muito descontente
Porque não pôde encontrá-lo.

E assim foi várias vêzes,
Sem ter nenhum resultado,
Até já acreditava
Que o moço tinha voltado
Em procura do Nordeste
Para rever seu Estado.

Num esforço derradeiro
Do seu coração lael,
No momento em que passava
Por uma praça, afinal
Viu Luciano num banco
Sentado lendo um jornal.

Sentou-se pertinho d'ele
E viu bem como êle estava
Com o dedo nos anúncios,
Um emprêgo procurava,
Estava tão entretido
Que a vista não levantava.

Quando terminou de ler,
Ester com delicadeza
Tocou no seu braço e disse:
— Querido, por gentileza,
Diga o que lhe aconteceu.
Confie na minha firmeza.

Quando Luciano viu
 A moça que lhe falou,
 Todo o seu corpo tremeu
 Com o choque que tomou,
 Antes de falar, Ester
 Novamente perguntou:

— Diga, responda, por que
 Você desapareceu,
 Por que deixou o seu emprêgo,
 O que foi que aconteceu?
 Por que saiu tão depressa
 Que nem o nome me deu?

Luciano disse: — eu não
 Sei porque fui despedido,
 Não apareci porque
 Fiquei muito aborrecido,
 Totalmente envergonhado
 Por tão triste acontecido.

Estou desorientado,
 Nunca mais tive sossego,
 Assim que leio um anúncio
 Corro para ver o emprêgo,
 Porém só ando atrasado,
 Já tem outro, quando eu chego.

A moça disse: — querido,
 Quem tem fé em Deus espera,
 Você deve confiar,
 Só em quem lhe considera;
 Somente vence na vida
 Aquêlc que persevera.

Sou de maior e me foi
 Dada a posse de uma herança,
 Pelos meus avós paternos,
 É um raio de esperança,
 Deposito em suas mãos
 Tôda a minha confiança.

São quinhentos mil cruzeiros
Que já lhe posso entregar,
Procure aí um negócio
Que possa movimentar
Com êsses quinhentos contos,
Vá a vida aventurar.

Mas Luciano lhe disse:
— Sua idéia é muito boa
Porém a senhora nem
Conhece a minha pessoa
E como quer entregar
Tão grande importância à-toa?

Porém Ester retrucou:
— É um mau pensar êsse seu,
Vá procurar o negócio
Que a sorte lhe protegeu,
Sôbre o dinheiro nem pense,
Deixe eu perder, não é meu.

Depois dêsse dia Ester,
Como boa namorada,
Quase todo dia vinha
Dar a palavra empenhada,
O rapaz desconfiado
Não acreditava em nada.

Luciano já estava
Aborrecido com ela,
Porque de jeito nenhum
Êle acreditava nela,
Até que chegou o dia
De tirar prova com ela.

Viu uma oficina à venda,
Foi ao dono sem demora,
Discutiu, ajustou preço
E voltou na mesma hora,
Encontrou a môça e disse:
— Eu quero o dinheiro agora.

Ester abriu sua bolsa
E com calma procurou,
Puchou um talão de cheques
Encheu um e assinou,
Disse: "vá tirar no banco",
E a Luciano entregou.

Ele pegando o cheque,
Arrependeu-se de ter
Desconfiado da moça,
Pensou até devolver,
Porém disse: — eu vou tentar
Ver se é possível vencer...

Tirou a importância e foi,
Fêz o negócio, afinal,
Comprou e pagou à vista,
Com documento legal,
E o restante do dinheiro
Comprou de material.

Começou a trabalhar,
Sem uma hora perder,
Era de dia e de noite,
Quando veio acontecer
Surgir a Segunda Guerra
Para ajudá-lo a vencer.

Parou a vinda de carros
Que vinham do estrangeiro;
Ele muito inteligente
Movimentou o dinheiro
Em compra de carros velhos,
Foi um negócio certo.

Pois pegava um carro velho
Remodelava e pintava,
Vendia até como novo
E o preço nem se falava,
Era o valor que pedisse,
À vista o freguês pagava.

Assim, dentro de dois anos,
Luciano enriqueceu,
Pagou os quinhentos contos
A Ester e disse: — eu
Já não dou por dois mil contos
O restante do que é meu.

Deu um abraço em Ester,
Dando o agradecimento,
Porém a moça lhe disse:
— Só lhe resta um cumprimento,
Você já tem condições,
Vá pedir-me em casamento.

Luciano que já estava
Sem ter mais o que temer,
Foi aos pais de Ester,
Lá pediu-a sem tremer,
Os velhos que já sabiam
Deram com muito prazer.

Como o professor vivia
Numa boa condição,
Contratou o matrimônio
Para o dia de São João,
Faltando só vinte dias
Para a realização.

Daquele dia por diante,
Luciano sem receio
Vinha visitar a noiva
E sempre dar um passeio,
Foi quando o Sílvio deu fé
E atravessou-se no meio.

O sedutor Sílvio Carlos
Tinha a moça na lembrança,
Quando a viu noivar com outro,
Fugiu-lhe tôda a esperança,
Contra Ester e Luciano
Preparou uma vingança.

Reconheceu Luciano,
Seguiu-o com atenção,
Do apartamento d'êle
Tomou tôda a informação,
Preparou uma chave falsa
Para fazer a traição.

Numa noite em que o rapaz
Visitou a noiva amada
E às vinte horas saiu
Encontrou um camarada
Botou-o no carro e seguiu
Para dar uma "zonada".

O Sílvio Carlos seguiu-os,
No seu papel de traidor,
Quando deixou-os na "zona",
Com seu ódio vingador,
Voltou e pulou o muro
Da casa do professor.

Querô deixar o bandido
Na cozinha dando entrada,
Com um saco e um revólver
E uma "peixeira" amolada,
Para dizer o que havia
De dentro daquela morada.

O rapaz saindo, Ester
Pensou nas obrigações,
Foi para o salão de aulas
Preparar umas lições
E começou no piano
Fazendo as entonações.

O professor João Fernandes
Que esteve palestrando
Com o seu futuro genro,
Ficou na sala passando
A vista pelos jornais,
Em um divã descansando.

A velha foi para o quarto
Para cuidar na dormida
Porque a sua empregada
Tinha sido despedida,
Enquanto se aproximava
A negra mão homicida.

O malvado entrou macio
Com a cara mascarada,
O professor quando o viu
Tentou topar a "parada",
Ele apontou o revólver
E disse: não diga nada!

Entre logo para o quarto
Se não quer morrer à bala,
O velho sem jeito entrou
No quarto deixando a sala,
O bandido vendo a velha
Disse: — Aqui ninguém não fala!

A velha avistando o monstro
Tombou, caiu desmaiada,
Porém êle vendo o cofre
Deixou a pobre tombada
E pegando o velho disse:
— Abra o cofre, camarada!

O velho sem outro jeito
A porta do cofre abriu,
O Sílvio puxou a faca
Que o professor não viu,
Cravou-a em cima do vão
Que a lâmina se sumiu.

Com a facada mortal,
O pobre velho tombou,
Caiu por cima da velha,
O assassino puxou
A faca com tôda a fôrça
A a velhinha degolou.

Terminando as duas mortes,
O malvado carniceiro
Foi ao cofre e retirou
Muitas jóias e dinheiro,
Pôs tudo dentro do saco
E saiu muito ligeiro.

Pegou o seu automóvel,
Como um foguete partiu,
Era quase meia-noite,
Chegou e ninguém não viu
Na porta do apartamento
De Luciano e abriu.

Tirou parte do dinheiro,
Com as jóias principais,
Deixou o resto no saco
E a faca com os sinais,
Pôs tudo embaixo da cama
Do inocente rapaz.

Trancou a porta e saiu
Com o gesto de quem zomba
E foi esperar de casa
Pelo estouro da "bomba",
Pensando: aquela cretina
Agora na lama tomba.

Ester findando as lições,
A casa estava deserta,
Quando passava na sala,
Uma coisa lhe desperta:
— Por que o quarto dos pais,
Estava de porta aberta?

Resolveu examinar
O que estavam êles fazendo
Mas, ao chegar frente à porta,
Os dois caídos foi vendo,
Já mortos porém o sangue
Ainda estava correndo.

Ester vendo deu um grito
Que a vizinhança correu,
Então o bandido foi
Quem primeiro apareceu,
Perguntando do portão:
— O que foi que aconteceu?

Chegaram outros vizinhos,
Ester disse em desatino:
— Assassinaram meus pais,
Destruíram o meu destino,
O sangue clama justiça
Perante o Juiz Divino.

O criminoso fingindo
Telefonou à polícia,
Com a frieza de Judas,
Narrou a triste notícia,
Pedi até o legista
Para fazer a perícia.

Quando a polícia chegou,
O assassino correu,
Um telefonema anônimo
Com toda a urgência deu,
Para o chefe de polícia,
Falseando o que ocorreu.

Afirmou que o criminoso
Era um ladrão desumano,
Tinha enricado matando
E roubando em um só ano,
Fingendo deu o endereço
Do seu rival Luciano.

O rapaz a uma hora
Da madrugada chegou,
Guardou o seu automóvel,
Abriu a porta e entrou,
Quando ia se deitando,
Uma patrulha encostou.

Bateu na porta e o rapaz
 Dentro perguntou: — Quem é?
 Uma voz disse: — A polícia!
 O rapaz disse com fé:
 — Não devo nada a ninguém,
 Isso é engraçado até...

Luciano abriu a porta
 E perguntou: — Eu errei?
 Viu quatro policiais
 E um dizer: — Eu não sei,
 Não se mexa, esteja prêso,
 Estamos cumprindo a lei.

O rapaz foi logo vendo
 Os revólveres apontando
 E os policiais entrarem
 As coisas examinando
 E de debaixo da cama
 Um saco foram arrastando.

Estavam dentro do saco
 Uma carteira de couro,
 Abarrotada de cédulas
 Retiradas do tesouro,
 Uma faca ensanguentada
 E jóias de prata e ouro.

Com a surpresa tão grande,
 Luciano ficou mudo,
 Não soube responder nada,
 Disse um soldado sisudo:
 — Você aqui não responde
 Porém lá, vai contar tudo.

Assim foi o moço prêso,
 Sem nada compreender,
 O saco foi como prova
 Para o rapaz responder
 Por um crime que não fez
 Nem mandou ninguém fazer.

Interrogado porque
Lá, aquêlé sacco estava,
Disse que nada sabia,
Porque não adivinhava,
Tinha andado passeando
Com um amigo e provava.

Mas o delegado disse:
— Por que você quer negar,
Que não matou os dois velhos
E demais para roubar?
A sua noiva já vem
Para melhor lhe provar.

Até aí Luciano
Não entendia a razão
Porque tinha sido prêso,
Porém nessa ocasião,
Sentiu que havia caído
Nas malhas de uma traição.

Nessa hora entrou Ester,
Como uma louca chorando,
A carteira de seu pai
Reconheceu avistando,
E as jóias de uma a uma
Ela foi examinando.

Quando reconheceu tudo,
Sentiu um choque tirano,
O delegado lhe disse,
Apontando Luciano:
— Eis aí o criminoso
Mais cruel e desumano!

Ela levantando a vista
Para o suposto assassino,
Reconhecendo lhe disse:
— O teu coração ferino
Com êsse crime cortou
Os laços do meu destino.

Como e por que tu fizeste
 Um crime com tanto horror,
 Com tanta perversidade,
 Premeditação, furor,
 Abrindo com as próprias mãos
 A cova do nosso amor?

Luciano nada disse
 Porque a goela entupiu,
 Abriu a bôca, porém
 A palavra não saiu,
 Sentiu a vista turvar-se,
 O corpo cedeu, caiu...

Ester assistindo disse:
 — Ele agora se acusou,
 Agradeceu à polícia,
 À sua casa voltou
 Para tratar dos enterros
 Dos pais a quem tanto amou.

A moça chegando em casa,
 No seu maior desespero,
 Já o tal do Sílvio Carlos,
 Se mostrando cavalheiro,
 Tinha resolvido tudo
 Com o seu próprio dinheiro.

Ela tentou reembolsá-lo,
 Porém o Sílvio não quis;
 Ester sensibilizada
 Agradecendo lhe diz:
 — Deus há de recompensá-lo
 Por essa ajuda feliz.

Pois eu agora preciso
 Escrever uma cartinha
 À minha tia Constância,
 Uma bondosa velhinha,
 Para vir morar comigo,
 Não posso ficar sôzinha.

O Sílvio sem hesitar
Logo se prontificou,
Recebeu a carta dela,
De automóvel viajou
A São Paulo e com a velha
No outro dia voltou.

O rapaz trazendo a velha,
Na sua conquista avança,
Com isso foi bafejado
Por um raio de esperança,
Porque Ester já lhe dava
Um pouco de confiança.

Ele assim continuou,
Para fazer a conquista,
Era um verdadeiro escravo,
Em todo o ponto de vista,
A moça acreditou nêlo
Deu-lhe o "sim" muito otimista.

Não porque ela o amasse,
Porém por se ver cativa
Daquela falsa bondade,
Sentia uma fôrça viva.
De uma sombra protetora,
Numa afeição positiva.

Mas Sílvio foi castigado
Pelo seu crime infeliz,
Apaixonou-se deveras,
Só pensava em ser feliz,
Queria mesmo enfrentar
A presença do juiz...

Enquanto Sílvio noivava,
Luciano encarcerado
Esperava o julgamento
Pelo que foi acusado
Como assassino e ladrão
Sem nada ter praticado.

Uma noite Ester e Sílvio
Palestravam na janela,
Quando a moça observou
Que o rapaz ao tocar nela,
Mudava a vista depressa,
Não fitava os olhos dela.

Nisso Ester sentiu um choque,
Um pensamento perfeito
Passou pela sua mente
Causando um estranho efeito,
O coração deu três pulos
Querendo rasgar-lhe o peito.

Sentiu um fogo envolvê-la
Numa sensação sublime,
Como quem numa prisão
De uma culpa se redime,
Era o calor da paixão,
Quando o amor vence o crime.

Porque naquele momento
Lembrou-se de Luciano,
Por tudo quanto êle era
Honesto, bondoso, humano,
Jamais poderia ser
Um assassino tirano...

Como quem estava num sonho,
Num pesadêlo horroroso,
Avistou em Sílvio Carlos
Um espectro monstruoso,
Ficou vendo em sua vista
O mais cruel criminoso.

Ouviu uma voz interna:
— Foge dêste Satanás
Que culpon um inocente
Depois de matar teus pais,
Era a voz da consciência
Falando pelos mortais...

Ester naquele momento
Disse estar muito cansada,
Com muita dor de cabeça,
Despediu-se perturbada,
Sílvia aceitou a desculpa
Sain e não disse nada.

Ester chamou sua tia
E lhe disse o desatino
De que estava possuída,
Como que a voz do destino
Dizendo-lhe e confirmando
Que Sílvia era um assassino.

Dizendo: — “Acordei agora
Do meu letargo amoroso,
Estou quase certa que,
Nesse quadro doloroso,
Luciano é inocente
E Sílvia é o criminoso.”

Ainda disse: — Amanhã
Resolverei a “parada”,
Em preparação do plano,
Passou a noite acordada
Bem cedo foi à cidade,
Resolvida e preparada.

Numa casa de armamentos,
Um bom revólver comprou
Encheu o tambor de balas
Pelo tal Sílvia esperou
Que, satisfeito e alegre,
As vinte horas chegou.

Palestrou mais de uma hora
Nos planos nupciais,
Na saída Ester lhe disse:
— Nós não casaremos mais
E agora o senhor me diz
Como assassinou meus pais.

O Sílvio foi se virando,
 Viu Ester de pé na sala
 Com o revólver apontando
 Em ponto de sair bala
 E disse: — Ou diz a verdade
 Ou morre porque não fala.

Eu já sei tudo, porém
 Quero fazê-lo em cavacos,
 Se não contar o que fêz,
 Faço-lhe a cabeça em cacos,
 Dou-lhe tantos tiros que
 Ninguém conta os buracos.

Sílvio tentou reagir
 Mas Ester disse: — “Aí tem
 Caneta, tinta e papel,
 Se esta vida lhe convém,
 Escreva tudo e assine
 Que só assim se sai bem”.

O bandido vendo a morte
 Tremendo se acovardou,
 Pegou a pena e escreveu
 Tudo como se passou,
 Banhando o papel de lágrimas,
 Fôs a data e assinou.

Tudo pronto, Ester chamou
 A tia e disse: — “A senhora
 Dê uma telefonada
 Chamando a polícia agora,
 A velha chamou e veio
 Um comissário na hora.

Ester apontando Sílvio
 Disse para o comissário:
 — Prenda e leve êste assassino,
 Dê o destino necessário,
 Que matou meus velhos pais,
 É um verdadeiro sicário.

Sílvio dali foi levado
Para as grades da prisão,
Confirmando o que escreveu,
Lá fêz nova confissão,
Recebeu pelo seu crime
A justa condenação.

Finalmente Luciano
Viu a luz da liberdade,
Recebido por Ester,
Soube de tôda a verdade,
Com choro e perdão nasceu
O sol da felicidade...

Em poucos dias casaram,
Sob pétalas de flôres,
Esquecendo para sempre
Aquêlê quadro de dores,
Quando o amor vence o crime
Recompensa os sofredores...

A felicidade para
Luciano foi assim...
Mesma coisa para Ester...
E o Sílvio como um Caim
Infeliz foi ser julgado
Destruído, condenado,
A cadeia foi seu fim.



é fácil aprender

violão
em 7
dias

aulas
sonoras

1 disco
grátis

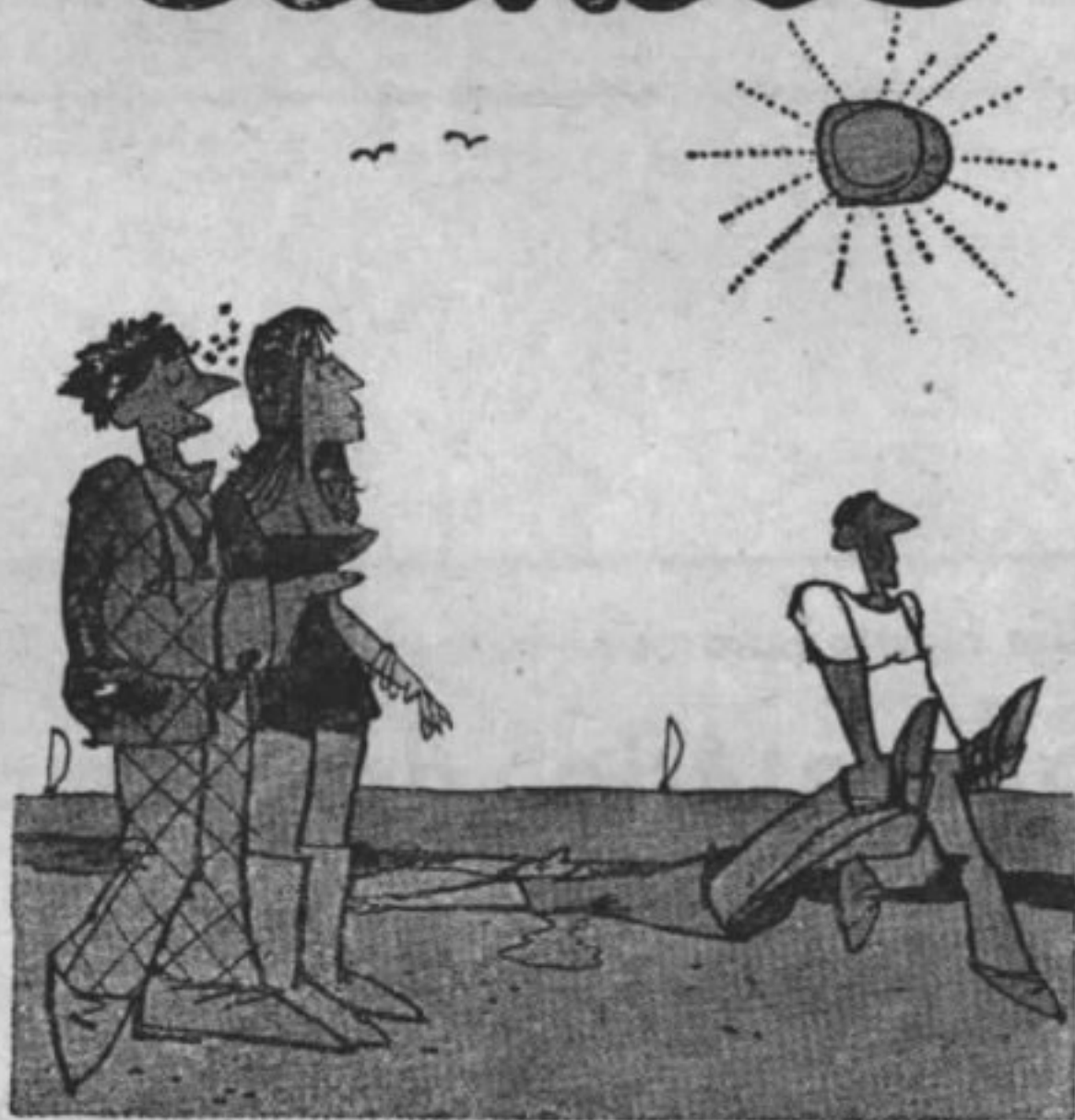


PROFESSOR
AUGUSTINHO
ZACCAPO

Adquira seu exemplar nas casas de música, livrarias ou bancas de jornais. Se não o encontrar, envie a importância de **NCr\$ 15,00** em cheque visado, valor declarado ou vale postal pagável em São Paulo, em nome da **Editôra Prelúdio Ltda.** — Rua Visconde de Parnaíba, 3042 — Caixa Postal, 10.640 — São Paulo

© TIRA-GÔSTO IDEAL

PIADAS DE BEBADOS



JÁ NAS BANCAS!

Um livro obrigatório para tôdas as bibliotecas caseiras

QUITUTES DE DONA JÚLIA

Receitas as mais variadas! Sugestões econômicas!
Quitutes, doces e salgados que todos adorarão! Receitas
provadas por hábeis e inteligentes donas de casa!



Peça a seu vendedor ou à EDITORA PRELUDIO LTDA.
Rua Visconde de Parnaíba, 3042/50 - Cx. Postal, 10.640 - S. PAULO

Um mestre para os enamorados:

Secretário do Amor

Moderno e completo
Atualizado e atraente
Realmente útil
Fórmulas de cartas para todos os períodos do namoro
e do noivado.



Peça a seu vendedor ou à EDITORA PRELUDIO LTDA.
Rua Visconde de Parnaíba, 3042/50 - Cx. Postal, 10.640 - S. PAULO

7697
VENDA
Estação D. Pedro II
Loja 1.04 - Guanabara

Cr\$ 1,50

DICIONÁRIO DE GÍRIA

GÍRIA POLICIAL - GÍRIA HUMORÍSTICA - GÍRIA DOS MARGINAIS - INTERESSANTE - CURIOSO - INSTRUTIVO



A VENDA NAS LIVRARIAS E BANCAS DE JORNAIS
Pedidos à Editora Prelúdio Ltda. — Rua Visconde de Parnaíba, 3042/50
Caixa Postal, 10.640 — Telefone: 93-3897 — São Paulo

SNB